

## **AS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS E JÓ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS SUAS PERDAS E SOFRIMENTOS<sup>1</sup>**

Josias Leonardo de Moura<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca identificar componentes literários no *Livro de Jó* e em *Lamentações*, de Jeremias, a partir das semelhanças e diferenças mantidas entre esses relatos bíblicos. Os condicionamentos teóricos exigidos para problematizar as nuances estéticas implicadas no *corpus* da pesquisa tiveram como aporte as reflexões de Luis I. J. Stadelmann, Haroldo de Campos e João Leonel, entre outros, que auxiliaram no paralelo empreendido entre os relatos, norteado pela lamentação como categoria analítica. Na metodologia foi adotado o método dialético, o que propiciou uma interpretação das simetrias e assimetrias entre os textos, ficando destacada a beleza da poesia hebraica a partir do sofrimento e das perdas externadas por Jó e Jeremias por meio de suas lamentações. Como uma possível conclusão, constata-se que ressoa em ambos os livros o anseio pela restituição das perdas sofridas e a consciência de que elas foram merecidas ou injustamente impostas por Deus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lamentações, Jeremias, Livro de Jó

**RESUMEN:** Este trabajo busca identificar a los componentes literarios en el *Libro de Job* y *Lamentaciones*, de Jeremías, a partir de semejanzas o diferencias existentes entre esas narrativas bíblicas. Los condicionamientos teóricos, exigidos para problematizar los matices estéticos implicados en el corpus de la investigación, tuvieron como aporte las reflexiones de Luis I. J. Stadelmann, Haroldo de Campos e João Leonel, que, como otros, auxiliaron en el paralelo emprendido entre los relatos, norteado por la lamentación como categoría de análisis. En la metodología ha sido usado el método dialéctico, lo que propició que una interpretación de las simetrías e asimetrías mantenidas entre los dos textos, poniendo de relieve la belleza de la poesía hebraica a partir del sufrimiento y de las pérdidas que son externadas por Job y Jeremías. Como una posible conclusión, se consta que se pone claro, en sendos libros, que el deseo de los profetas por la restitución de las pérdidas sufridas y la conciencia de que ellas fueron merecidas o injustamente impuestas por Dios.

**PALAVRAS-CLAVE:** *Lamentaciones, Jeremias, Libro de Job.*

---

<sup>1</sup> Ensaio apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação do Prof. João Batista Pereira.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

## 1 Introdução

O contexto histórico de *Lamentações*, de Jeremias, é a destruição de Jerusalém em 586 a.C., por Nabucodonosor, rei da Babilônia, e o descumprimento da aliança com Deus por parte do seu povo. A fome, a peste e a guerra grassavam na cidade, acontecimentos que encontraram Jeremias como o único escritor bíblico que presenciou a destruição da cidade, depois de um cerco de dezoito meses pelos babilônios. A tradição afirma que *Lamentações* foi escrito após a cidade ter sido destruída, tendo Jeremias sido levado com o restante do povo para o Egito, contra sua vontade, depois de ter passado toda a vida tentando, através de suas profecias, fazer o povo voltar à vida de obediência, cumprindo o pacto que tinha com Deus, a fim de que não fosse para o cativeiro na terra dos caldeus.

Outro é o sentido do contexto histórico em que se situa o *Livro de Jó*, escrito no tempo do patriarca Abraão (2000 a.C.): dados linguísticos, como a presença de aramaismos, e pontos de contato com a pregação de Ezequiel e com autores deuteronomistas atestariam sua elaboração em meados do século V a.C. Diferindo dos chamados livros proféticos, destinados à liturgia, por evocar eventos passados da história da salvação, ele se enquadra na chamada escritura sapiencial do *Antigo Testamento*, distinto dos outros registros pela conotação literária e uso extracultural a que se destinava. Enquanto aqueles foram escritos para celebração, o *Livro de Jó*, assim como *Provérbios*, *Eclesiastes*, *Cântico dos Cânticos* e *Rute*, visavam a instruir os fiéis em ambientes laicos, afeitos a fins didáticos e pastorais.

Os motivos dos sofrimentos de Jó e Jeremias foram as perdas que tiveram, deixando-os atônitos, vivenciando a vergonha e o desprezo de todos por essa causa. O sofrimento dos profetas é vislumbrado por Stadelmann no livro *O Itinerário Espiritual de Jó*, no qual o autor mostra que o infortúnio por ele experimentado pode ser usado para consolar outros crentes, através da pastoral dos enfermos. Em sentido diverso segue a leitura de Haroldo de Campos no artigo *A Dialética de Deus*, onde ele faz uma análise do *Livro de Jó* exaltando sua qualidade literária, ao problematizar sua estrutura discursiva e gênero textual, abordando as contradições do livro, que apontariam, segundo ele, para o dialogismo e a dialética.

Divergindo na abordagem, mas voltando-se para os elos mantidos entre literatura e teologia, João Leonel faz uma análise do livro de Mateus, no qual são identificadas ressonâncias dos nos modelos narrativos greco-romanos. E, por fim, em *Da Memória e da Desmemória: Excursão sobre o poeta José Elói Ottoni*, tradutor do *Livro de Jó*, o mesmo Haroldo de Campos faz uma crítica sobre a barreira que impede que obras menos conhecidas fiquem sem estudos no Brasil, por não se situarem no cânone oficial.

Considerando as lamentações de Jó e de Jeremias à luz da dialética, a nossa pesquisa buscou responder à natureza do sofrimento por eles vivenciado norteada nas leituras dos autores acima citados e na *Bíblia Sagrada*: ora com amargura, ora com esperança, ainda que a visão da esperança prevaleça. Em nossas análises, intentamos comparar a percepção do sofrimento de Jó com a visão do sofrimento de Jeremias a partir das lamentações presentes em ambos os livros, comparando suas distinções e semelhanças, averiguando, dessa forma, as razões e os significados implicados nas vivências do sagrado experienciadas pelos dois profetas.

## 2 Sobre o Livro de Jó

“A literatura fragmentária dificulta sua compreensão”. É assim que João Leonel (2013, p. 59) começa o artigo *Literatura e teologia: gênero literário e texto bíblico*, onde faz uma ponte sobre literatura e teologia. O livro no qual ele lança essa ponte é um dos evangelhos, a biografia de Mateus. Segundo o autor, a biografia surgiu no século IV a.C., era algo usual entre os gregos e exercia influência não só sobre eles, pois era um gênero conhecido no mundo, desde que *Alexandre Magno* havia conquistado boa parte dele e misturou a cultura oriental com a ocidental grega, chamada de helenismo. Foi Tácito quem escreveu as melhores biografias, e as escreveu de tal modo, que usava uma estrutura em que fazia paralelos entre personagens gregos e romanos, conhecidas até hoje. Uma particularidade das biografias romanas é que elas iam além da literatura, pois deveriam “retratar a alma do retratado, principalmente se ele fosse um personagem considerado importante como Jesus (LEONEL, 2013, p. 61).

Uma das marcas das biografias desse tempo era que nem sempre elas procuravam retratar o biografado do nascimento até a morte: algumas começavam com o nascimento e terminavam antes da morte, estruturadas como narrativas ou em diálogos. Essas informações surgem como introdução realizada por Leonel em seu artigo para refletir sobre a biografia escrita por Mateus, primeiro livro do *Novo Testamento*, cuja forma e estrutura aproximaria a narrativa bíblica do campo da estética, influenciado pela literatura greco-romana. Mateus foi seletivo em sua biografia, influenciado por Marcos que, segundo a tradição cristã, foi discípulo de Pedro, de quem obteve as informações para escrever seu evangelho, enquanto que o de Mateus foi escrito pelo discípulo de Jesus. (LEONEL, 2013, p. 65). Assim, comparando, tanto Mateus quanto *O Livro de Jó* são considerados literatura, embora de cunho

religioso, mas que trazem, em suas estruturas, traços que os fazem serem vistos, também, como obras que podem ser inseridas na literatura mundial e serem estudadas como tal.

O autor mostra uma diferença entre os textos de Mateus e Marcos, aludindo ao momento em que Jesus cura a filha da mulher sírio-fenícia, de origem grega: “Então ele disse-lhe: por essa palavra vai; o demônio já saiu de sua filha. E, indo ela para sua casa, achou a filha deitada, pois o demônio já tinha saído (MARCOS 7, 29, 30). O enfoque de Mateus é diferente em um detalhe: Mateus diz que desde aquela hora a menina ficou sã; Marcos diz que ele a achou na cama. “E ela disse: sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então, respondeu Jesus e disse: Ó mulher, grande é a tua fé, seja isso feito para contigo, como desejas. E, desde aquela hora, sua filha ficou sã”. (MATEUS 15. 27, 28)

Marcos escreveu visando o público romano, por isso seu livro parece ser dinâmico, como se a aquilo estava acontecendo no momento em que o leitor está lendo. Apresenta Jesus como servo, por causa da dominação romana sobre a terra de Israel, já que eles eram senhores do mundo de então. Mateus escreveu para os judeus, se preocupou em mostrar a genealogia de Jesus desde Adão até seus pais. Procurava afirmá-lo como Messias, fazendo referências às suas profecias ao longo da Bíblia, principalmente em Isaías. Leonel afirma que a biografia de Mateus é comparada às biografias dos filósofos, pois mostra Jesus mandando os discípulos propagarem seus ensinamentos. É sabido que Platão propagou os ensinamentos de Sócrates:

Ao invés de traçar o desenvolvimento do personagem, antigos escritos biógrafos, de Platão em diante, geralmente começavam e terminavam com a vida adulta do personagem. [...] Os evangelhos também mostram pouco interesse no desenvolvimento do personagem, apresentando Jesus, do começo ao fim de seu ministério, essencialmente do mesmo modo, fazendo com que suas ações e palavras mostrem o tipo de pessoa que ele era (STANTON, 1974, p. 123, *apud* LEONEL, 2013, p. 66.).

O que era importante nessas biografias é que elas eram essenciais para definir o caráter do indivíduo, através de suas ações e palavras. Nos discursos de Jesus comentados no texto, o autor tenta mostrar que Mateus “aparentemente parece ser contraditório, mas fala a verdade, vai na essência do mandamento, mesmo que sejam antigos. Não os contraria, mas dá o verdadeiro entendimento deles” (LEONEL, 2013, p. 70). A objetividade de Mateus é óbvia, ele não mede esforços para convencer os judeus que o personagem biografado por ele tinha as qualidades específicas mostradas nas simbologias e tipologias bíblicas, mostradas direta e

indiretamente, desde o Pentateuco, referenciado por ele, até os profetas, passando pelos livros históricos o último livro da Bíblia hebraica.

As questões contextuais apontam Mateus como uma biografia, ficando claro que o gênero literário é mais do que parece, propondo expectativas aos leitores. Essas expectativas têm a ver com o que se pode esperar da vida do personagem, se está de acordo com o que o leitor espera dele, ou se aquilo que se vai falar do personagem vai fazer com que o leitor se decepcione com o biografado. A diferença marcante da biografia escrita por esse discípulo de Jesus, talvez seja essa, do ensino teológico que ele procura manter ao longo da biografia, como no discurso de Jesus no capítulo 23, quando há uma crítica às instituições judaicas da época. (LEONEL, 2013, p. 60)

Mateus não escreveu só para satisfazer um ego ou a vaidade de um escritor, escreveu com o objetivo de fazê-lo ser imitado por todos os homens que desejem fazer isso, dando a garantia de que essa imitação pode ter a segurança que esse personagem passa:

Vários componentes secundários à caracterização da biografia retornam neste item. Dentre as funções sociais, podem ser citadas: (1) Apresentar o biografado como figura ideal levando seus leitores a aceitarem sua autoridade ou imitar seu modo de vida; (2) defender o biografado contra o entendimento equivocado da parte de seus seguidores e de estranhos, de modo que sua verdadeira personalidade fosse revelada e sua influência exercida; desacreditar o biografado mediante sua exposição ao ridículo [...] (TALBERT, 1988, p. 58-59, apud LEONEL, 2013, p. 63).

Pode-se dizer, então que Mateus foi tão fiel em sua biografia sobre Jesus, como qualquer escritor greco-romano sobre as biografias dos mais variados personagens. Essa fidelidade foi corroborada por outros escritores bíblicos, quanto á veracidade da narrativa, como aquele que cumpriu todas as prerrogativas. Esses outros textos, confirmam, então, a biografia de Mateus feita sobre a vida de Jesus e que o livro citado tem traços de ser literário, como falado acima.

E é isso que se busca, os vínculos mantidos entre literatura e teologia, os quais têm sido objeto de estudo sob outros aspectos, a exemplo do que propõe Haroldo de Campos, que procura identificar a poesia contida no *Livro de Jó*. Segundo Campos, pode-se pensar na existência de duas figuras de Jó: o paciente e o impaciente. O autor comenta que não se pode ver o relato de Jó como um romance, do ponto de vista rebatido por Martin Buber e Robert Alter, que disseram que o livro tem um caráter dialógico e dialético. Para Buber, há um profundo dialogismo em Jó, um “dialogismo especial”, “um processo dialógico”, percebido nos diálogos dele com seus três amigos, que vão consolá-lo em suas agruras. Esse dialogismo

está em todo o livro, e, na dialética de Jó, ele surge quando pergunta porque sofre sendo inocente, se sempre fez tudo o que fosse pertinente à justiça, coisa que ele afirma quando diz:

Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano (Pese-me em balanças fiéis, e saberá Deus a minha sinceridade), Se os meus passos se desviaram do caminho, e se o meu coração segue os meus olhos, e se às minhas mãos se apegou qualquer coisa, Então semeie eu e outro coma, e seja a minha descendência arrancada até à raiz. (JÓ 31. 5-8).

Martin Buber vai mais longe, chamando isso de “suspender dialogando”. A fala de Deus a Jó, a partir do capítulo trinta e oito, não significa que as aspirações de Jó foram todas atendidas (CAMPOS, 1993, p.85). Antes, parece mais que Deus, está ali a mostrar a pequenez do patriarca diante dos grandes mistérios do mundo visível. Talvez seja essa imagem que fique mais nítida nas respostas que Jó vai recebendo, não como uma satisfação da divindade à vontade do personagem, mas como uma dádiva a ele. Esses mistérios Jó foi conhecendo à medida que foi sofrendo, vendo sua pequenez diante da grandeza de Deus e de seus desígnios. Outro ponto interessante no que Campos afirma em sua análise é que Deus reaparece a Jó, lhe fala de modo mais claro do que antes, e lhe revela mais coisas do que Jó deveria saber, ou que ele não pensava em saber. Passa a ideia de que, agora, ele conhece algo muito sublime diante do qual todo o sofrimento e perdas nada significam, o apogeu do prazer e da revelação, para Jó. No discurso de Deus, as maravilhas da natureza são mostradas, coisas com as quais Jó estava acostumado, diariamente, desde os jumentos monteses até aos relâmpagos, dos avestruzes até ao trovão, mesmo ao lugar onde mora a luz (JÓ, 38,19.)

O autor lembra que Deus fez Jó compreender além de sua visão reducionista, e que ele bem viu que teve algo muito além do que ele via. Ele então fica surpreendido com as maravilhas da criação, e com a natureza em sua mais perfeita harmonia com todo o cosmo (CAMPOS, 1993, p. 88). Se Jó não entendia o que ele estava vendo, o mundo físico e passageiro, como ele queria entender as grandezas de Deus e todo os seus desígnios? Como entenderia aquilo que é infinito? Era algo que Jó não ia conseguir compreender, de tão alto. Na complexidade da natureza, o homem é só uma pequena parte. Jó percebe, então que o homem é tido como um mero coadjuvante nisso tudo, e não o centro. Ele só precisava aceitar isso. Havia forças bem mais terríveis que ele não poderia entender perfeitamente.

Será que o abandono do mundo pelos deuses helênicos pode ser uma referência para o abandono” do mundo de Jó pelo seu Deus, que, afirma ser a prova, segundo Campos (1993, p. 95) e o pensamento do filósofo Nietzsche, de que Deus está morto? Segundo Stadelmann, no *O Itinerário Espiritual de Jó*

Enquanto saber teórico, chama a atenção a forma inteligível como os ensinamentos sapienciais sobre a revelação são apresentados. Com efeito, não há nada de esotérico ou misterioso no desígnio divino a respeito da humanidade, porque se origina da sabedoria de Deus e é acessível humana, iluminada pela luz que a sabedoria divina projeta sobre a faculdade intelectual dos seres humanos. Além disso, a inteligibilidade desses ensinamentos tem por objetivo criar uma mentalidade universalista nos israelitas, levando-os a apreciar os valores do ethos dos outros povos e estimulando os fiéis a se tornarem interlocutores das pessoas de outras culturas. [...]. (STADELMANN, 1997, p. 13.)

Ele diz que a ideia de sabedoria pode ser mal compreendida no *Livro de Jó*: nele, ela significa mais do que conhecimento. Não é só saber, mais como saber: “a função exercida pela ‘sabedoria’ é representada com as mesmas características que os conceitos de ‘palavra’ e ‘espírito’”. (STADELMANN, 1997, p. 12). É como um oferecimento de participação na qualidade de vida divina. A sabedoria é mais do que conhecimento, revelando as várias faces da personalidade e do caráter de Deus. O conceito de sabedoria é mais profundo do que aparenta ser, designando não só o saber em si, mas saber para quê, por quê saber, e como saber. Ela pode se universalizar, mas não ser universalizada; a sua influência é mais forte do que a influência que pode sofrer de outra cultura.

Um dos usos da sabedoria encontrada no *Livro de Jó*, é usá-la como apoio para a orientação nos cuidados de enfermos. Essa aplicação é um tanto diferente para um livro, que, embora fale do sofrimento humano de uma forma única, e num estilo cheio de influência semítica, não é comum tal uso dele. A questão aqui não é se pegar com a forma, as metáforas, o que se pode ver das referências históricas; a preocupação, aqui, é sobre as atitudes do autor. É a mensagem espiritual do livro, o consolo que pode ser encontrado nele, que faz lembrar outro poeta, Jeremias, um dos profetas maiores, em um de seus livros, Lamentações, livro que lamenta as desgraças que houve na cidade de Jerusalém.

Segundo o autor, o *Livro de Jó* ensina como se conduzir no sofrimento, mantendo-se no caminho do equilíbrio. Nele há uma pedagogia para se alcançar o prazer desejado, a coroa preparada, depois de se chegar ao ápice, com a alma lavada na pureza. Em se tratando de justiça e pureza, Jó é citado no *Antigo Testamento*, com dois outros homens tidos como justos perante Deus. Em várias partes do capítulo 14, de Ezequiel, o profeta vaticina que “Ainda que estivessem no meio dela estes três homens, Noé, Daniel e Jó, eles, pela sua justiça livrariam apenas as suas almas, diz o Senhor Deus. Ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem no meio dela, vivo eu, diz o Senhor Deus, que nem um filho nem uma filha eles livrariam, mas somente eles livrariam as suas próprias almas pela sua justiça. (EZEQUIEL 14.14,20, grifo nosso).

Outro exemplo dessa vertente pedagógica está no *Novo Testamento*, num dos livros chamadas de cartas universais, do irmão de Jesus, Tiago, líder da igreja em Jerusalém, o qual se refere a Jó: “Eis que temos por bem-aventurados os que sofreram. Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu; porque o Senhor é muito misericordioso e piedoso”. (TIAGO, 5, 11). Se o indivíduo tiver sua própria experiência de sofrimento, isso lhe proporcionará um conhecimento mais firme; paradoxalmente, o silêncio de Deus é um ensinamento que traz crescimento, e é também uma resposta, um guia (STADELMANN, 1997, p. 20). No *Livro de Jó*, como em outros livros da Bíblia, como *Jeremias*, *Salmos* e *Eclesiastes*, há ensinamentos sobre o silêncio, mesmo que de modo indireto, como algo que fortalece a confiança do crente em Deus, seu sustento mesmo em meio às lutas.

Outra abordagem oferecida por Haroldo de Campos em relação ao *Livro de Jó*, no texto *Da Memória e da Desmemória: Excursão sobre o Poeta José Elói Ottoni, Tradutor do Livro de Jó*, é a que remete à cultura grega em comparação com a cultura hebraica. “Como comparar Ésquilo a Jó, não digo somente pela pureza, pela sublimidade das ideias, mas pela poesia das imagens, pelo movimentos e figuras? A majestade e a sublimidade desse livro tornam-no digno de Moisés” (CAMPOS, 1993, p. 16). Ao falar em seu texto sobre erros e desprezos de grandes escritores e escolas literárias predominantes, o autor começa a discorrer propriamente do assunto do *Livro de Jó*, e cita José Elói Ottoni, que fez uma tradução do livro elogiada pela crítica.

No entender de Campos, o que Ottoni fez foi uma paráfrase do *Livro de Jó* sem levar em conta seu estilo poético, bem diferente do original, que não foi escrita em decassílabo, inexistente na poesia hebraica, onde se usa o paralelismo de ideias, entre eles o sintético, sinonímico e o antitético. Como exemplo, Jó diz em um dístico sintético “O meu bafo se fez estranho à minha mulher, e a minha súplica, aos filhos de meu corpo” (JÓ, 19,17). Para essa tradução, Ottoni partiu do latim da Vulgata que, por sua vez, foi uma tradução da Septuaginta, tradução de 72 eruditos judeus versados na cultura alexandrina absorvida pelos romanos, e eles, conhecendo as línguas grega e hebraica, fizeram essa tradução. (CAMPOS, 1993, p. 15).

Outra coisa abordada pelo crítico é o erro cometido por parte dos estudiosos da Bíblia que, sem conhecer a linguagem hebraica, escrevem um “discurso sobre a língua e a poesia hebraica”, de forma preconceituosa. Assim como José Elói Ottoni, Garção-Stockler, fez sua tradução diretamente da Vulgata, tradução católica, por sua vez traduzida da Septuaginta, implicando em numa visão da poesia hebraica do ponto de vista puramente ocidental. Garção-Stockler achava que a língua portuguesa enriqueceria a língua hebraica; ele não conseguia ver nem o metro e nem a melodia no texto dessa língua: as rimas, são de ideias, paralelismo, e não

em métrica, como no Ocidente. Ressoa, no texto de Campos, que o etnocentrismo não deixou ver a grandeza de um povo que teve, em sua verve, o prazer de fazer uma poesia sublime. (CAMPOS, 1993, p. 20).

Como síntese do que propõe Campos em sua leitura do *Livro de Jó*, nota-se que ele procurou demonstrar que nem sempre a beleza de uma obra é inferior àquela considerada como a mais importante de uma época ou região, a exemplo da comparação entre a literatura grega e a hebraica. Ele lembra que outros trabalhos têm se detido em estudar sobre a natureza prosódica do verso, ou, mais exatamente, do versículo hebraico e a melhor maneira de recriá-lo em português. Insiste também em realçar a calorosa argumentação de Jakobson contra todo o etnocentrismo reducionista, que se recusa a reconhecer a sofisticação e a complexidade da poesia que decorre de matrizes orais, falsamente entendida como “primitiva” e “pobre” (CAMPOS, 1993, p. 23). Essa seria uma maneira de incentivar o leitor e o estudante a buscar enriquecer o conhecimento com outras culturas e ver que, ter preconceito de estudar um texto religioso, como a Bíblia, por pensar que ele não tenha qualidades literárias, é um erro a ser superado.

### **3 As lamentações das perdas e sofrimentos de Jeremias e Jó**

O fundo histórico do livro de Cantares é a tomada de Jerusalém por Nabucodonosor depois de dezoito meses de assédio, de 587-586 a.C. A cidade, tomada pela fome, foi demolida e incendiada, e o templo, centro da adoração de Judá, o orgulho da nação, foi incendiado como também as casas dos nobres e de toda a elite de Judá. Jamais eles acreditariam que o templo, símbolo de toda a segurança da nação, onde Deus se revelava a eles, cairia nas mãos dos gentios e nem que os gentios entrariam nele sem que fossem mortos pelo seu Deus, por causa da proibição da lei. Isaías havia falado da inviolabilidade do templo em 701 a.C., mas isso não era para sempre, tanto que ele caiu nas mãos dos “incircuncisos” (gentios). Eles estavam impregnados de perguntas não respondidas sobre a razão de tudo que aconteceu com a nação e com o templo.

Os cinco poemas de Jeremias, no livro de *Lamentações*, falam desses dias atribulados, nos quais o povo foi deportado para a Babilônia de modo vergonhoso, nu e descalço, como costumavam ir os prisioneiros naquela época. Os poemas procuram expressar todo o sofrer suportado pelo povo e pelo profeta, o único que viu suas profecias sobre a cidade serem cumpridas. Os sofrimentos da cidade são descritos com uma lamentação profunda a ponto de expressarem toda a amargura que o povo sentiu diante das desgraças, acompanhado de um

grande sentimento de perda. Mesmo as palavras não poderiam expressar todo o sentimento envolvido, ele achou na poesia e no cântico, a forma mais conveniente de expressar tudo isso. Quando foi traduzido para o grego, a Septuaginta, foi usado o termo “*Threnoi*” e atribuído o livro a Jeremias. Por causa disso, as versões siríacas, a antiga versão latina, e a Vulgata de Jerônimo denominaram o livro de *Lamentações*. Melito, bispo de Sardes (180 d.C.), Orígenes (250 d.C.) e Agostinho (420 d. C.) atribuíram também esse livro ao profeta Jeremias. Na Bíblia hebraica atual, *Lamentações* faz parte dos Hagiógrafos (Escritos Sagrados). Dos cinco poemas do livro, os quatro primeiros são canções tristes ou fúnebres, mas o quinto é em forma de oração. Os poemas um, dois e quatro, contém vinte e dois versículos, enquanto o terceiro contém sessenta e seis versículos e o alfabeto hebraico, de vinte e duas letras, contém três vezes esse alfabeto, em acróstico. Essa divisão do capítulo terceiro em sessenta e seis versículos foi feita pelos massoretas.

Em relação ao *Livro de Jó*, ele é situado no período dos patriarcas, entre os anos 2000 e 1000 a. C. Nele, não há menção à lei mosaica, tampouco aos eventos do povo de Israel no Egito, às dez pragas ali acontecidas, à vida nômade dos sabeus e dos caldeus. Isso pode indicar que Jó foi um homem que viveu em um passado remoto, no tempo do patriarca Abraão, na terra onde posteriormente foi o território de Edom, a sudeste do Mar Morto, ou norte da Arábia. Dessa forma, o contexto histórico é mais árabe que hebraico. O sacerdócio exercido por Jó era parecido como da era patriarcal, idêntico a Abraão, Isaque e Jacó. O livro pode ter sido escrito na era patriarcal, depois dos eventos citados, e pode ter sido escrito pelo próprio Jó; a outra data que se acredita que tenha sido escrito é no tempo de Salomão (950-900 a.C.). A razão para essa afirmação é que o povo de Deus procurava entender teologicamente o sofrimento a que ele foi submetido.

É num tom de profunda tristeza que Jeremias começa o livro poético de *Lamentações*, num estilo literário marcado pelas letras hebraicas em um acróstico de vinte e duas letras desse alfabeto:

Como está sentada solitária aquela cidade, antes tão populosa! Tornou-se como viúva, a que era grande entre as nações! A que era princesa entre as províncias, tornou-se tributária! Chora amargamente de noite, e as suas lágrimas lhe correm pelas faces; não tem quem a console entre todos os seus amantes; todos os seus amigos se houveram aleivosamente com ela, tornaram-se seus inimigos. Judá passou em cativo por causa da aflição, e por causa da grande servidão; ela habita entre os gentios, não acha descanso; todos os seus perseguidores a alcançam entre as suas dificuldades. (JEREMIAS 1. 1-3.).

Jerusalém é personificada na figura de uma mulher, e o lamento é pela situação atual da cidade, outrora tão populosa, tão influente entre as nações do Oriente Médio. Ela está desolada como alguém que perde um bem precioso, como a glória que tinha lhe foi tirada, o profeta Jeremias, a quem o livro é atribuído, lamenta tamanho estado em que se encontra a cidade tão rica outrora, cuja fama chegava até os mais longínquos lugares da região.

Jeremias lamenta a mistura, a cidade não pode ostentar a antiga pureza que tinha, sua fama agora não era mais de uma cidade bela e elegante, como uma mulher de alta estirpe. Agora, seus perseguidores a alcançaram como queriam, agora ela se fez indecorosa, suas carnes apareceram para quem quisesse ver. Essa é uma primeira referência que possibilita traçar um paralelo com Jó, que também lamenta sua situação:

E prosseguiu Jó no seu discurso, dizendo: Ah! quem me dera ser como eu fui nos meses passados, como nos dias em que Deus me guardava! Quando fazia resplandecer a sua lâmpada sobre a minha cabeça e quando eu pela sua luz caminhava pelas trevas. Como fui nos dias da minha mocidade, quando o segredo de Deus estava sobre a minha tenda; Quando o Todo-Poderoso ainda estava comigo, e os meus filhos em redor de mim. Quando lavava os meus passos na manteiga, e da rocha me corriam ribeiros de azeite; (JÓ, 29, 1-6.)

Lamentando sua dor, Jó começa a se lembrar de seus dias de glórias, como Jeremias se lembra das glórias de Jerusalém. O passado glorioso do sofredor sem causa é lembrado num tom de anseio para que aqueles dias voltem logo. A perda da amizade do Todo-poderoso é difícil para Jó, que anseia esses dias de volta. Agora ele é um solitário, como Jerusalém também se tornou. Onde estão aqueles que lhe dedicavam tanto respeito, onde estão os que esperavam uma palavra sua de consolo, ele, que tinha a seus pés todos quanto queria? Onde estão os amigos de Jerusalém, aqueles que antes lhe devotavam atenção por causa de sua beleza e status? Jó se sente como essa cidade, sem consoladores e sem uma base firme na qual se segurar.

Personificar a cidade na figura de uma mulher é algo comum na literatura bíblica, como fica claro na seguinte citação:

Desce, e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia; assenta-te no chão; já não há trono, ó filha dos caldeus, porque nunca mais serás chamada a tenra nem a delicada. Toma a mó, e mói a farinha; remove o teu véu, descalça os pés, descobre as pernas e passa os rios. A tua vergonha se descobrirá, e ver-se-á o teu opróbrio; tomarei vingança, e não pouparei a homem algum. (ISAÍAS 47:1-3)

No texto de Isaías, a cidade de Babilônia é representada na figura de uma mulher em decadência, escravizada pelo inimigo, solitária sem ter socorro. Todavia, na lamentação de Jeremias, há ainda mais motivos para lamentar:

Os caminhos de Sião pranteiam, porque não há quem venha à festa solene; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes suspiram; as suas virgens estão tristes, e ela mesma tem amargura. Os seus adversários têm sido feitos chefes, os seus inimigos prosperam; porque o Senhor a afligiu, por causa da multidão das suas transgressões; os seus filhinhos foram para o cativeiro na frente do adversário. E da filha de Sião já se foi toda a sua formosura; os seus príncipes ficaram sendo como corços que não acham pasto e caminham sem força adiante do perseguidor. Lembra-se Jerusalém, nos dias da sua aflição e dos seus exílios, de todas as suas mais queridas coisas, que tivera desde os tempos antigos; quando caía o seu povo na mão do adversário, e não havia quem a socorresse; os adversários a viram, e fizeram escárnio da sua ruína. Jerusalém gravemente pecou, por isso se fez errante; todos os que a honravam, a desprezaram, porque viram a sua nudez; ela também suspira e volta para trás. (LAMENTAÇÕES 1.4-8)

Jeremias lamenta a solidão da cidade, que perdera os cultos solenes, as festas anuais, como a do Tabernáculo, a Pesach, e a da Colheita, onde as tribos restantes, principalmente as de Judá e Benjamim, iam cultivar a Deus diante do templo. Cessaram os sacrifícios dos animais, as prescrições sacerdotais não mais precisavam ser lembradas, os caminhos estavam desertos, os cânticos dos salmos não eram mais cantados, as melodias, os hinos de Davi, não eram mais entoados, desde os homens mais simples até os mais altos entre eles haviam se transformados. Quem foi Jó? Ninguém se lembrava mais, tudo quanto lhe restou estava diante de todos e, diante de seus amigos, ele diz:

Quando eu saía para a porta da cidade, e na rua fazia preparar a minha cadeira, os moços me viam, e se escondiam, e até os idosos se levantavam e se punham em pé; os príncipes continham as suas palavras, e punham a mão sobre a sua boca; a voz dos nobres se calava, e a sua língua apegava-se ao seu paladar. Ouvindo-me algum ouvido, me tinha por bem-aventurado; vendo-me algum olho, dava testemunho de mim; (JÓ 29.7-11)

A saudade desse tempo pode ser percebida nas palavras solenes de Jó, ao mencionar quando os príncipes e os jovens escutavam-no com atenção, quando os seus conselhos tinham valor. De maneira análoga, Jerusalém, segundo Jeremias, perdera glória dos cultos, das visitas das tribos que lhes restara, tendo, as outras, sido levadas pelos assírios, no Reino do Norte, Israel, ficando Judá, agora, como eles ficaram. Jeremias sabia que a cidade havia merecido esse sofrimento, nisso ele se diferencia de Jó, que exigia que Deus o “pesasse em balanças fieis”, dando ideia de sua idoneidade moral e espiritual (JÓ 31. 15.) Havia uma consciência do

profeta em compreender as razões de suas perdas. Enquanto Jeremias se conformava, falando disso como algo que foi esperado, Jó, enquanto lamentava suas perdas, sabia que aquela situação era injusta.

Jó lamentava sua incapacidade para ajudar a si mesmo, mas recorda de um tempo em que isso era feito com muito carinho por ele, e, agora, essas recordações eram como um sentimento de perda, de ter feito essas coisas em vão, já que, mesmo agindo assim, tudo redundou em algo inútil. Jerusalém havia feito o mal durante séculos, merecia o castigo, ele, Jó, havia feito o bem durante a maior parte de sua vida, mas recebera o mal:

Porque eu livrava o miserável, que clamava, como também o órfão que não tinha quem o socorresse. A bênção do que ia perecendo vinha sobre mim, e eu fazia que rejubilasse o coração da viúva. Vestia-me da justiça, e ela me servia de vestimenta; como manto e diadema era a minha justiça. Eu me fazia de olhos para o cego, e de pés para o coxo. Dos necessitados era pai, e as causas de que eu não tinha conhecimento inquiria com diligência. E quebrava os queixos do perverso, e dos seus dentes tirava a presa. E dizia: No meu ninho expirarei, e multiplicarei os meus dias como a areia. A minha raiz se estendia junto às águas, e o orvalho permanecia sobre os meus ramos; (JÓ, 29.12-19)

Em seu livro de profecias, Jeremias também se lamenta, antecipando o que faria em seu livro de *Lamentações*:

Oh! se a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos numa fonte de lágrimas! Então choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo! Se tivesse no deserto uma estalagem de caminhantes! Então deixaria o meu povo, e me apartaria dele, porque todos eles são adúlteros, um bando de aleivosos. E encurvam a língua como se fosse o seu arco, para a mentira; fortalecem-se na terra, mas não para a verdade; porque avançam de malícia em malícia, e a mim não me conhecem, diz o Senhor. Guardai-vos cada um do seu próximo, e de irmão nenhum vos fieis; porque todo o irmão não faz mais do que enganar, e todo o próximo anda caluniando. E zombará cada um do seu próximo, e não falam a verdade; ensinam a sua língua a falar a mentira, andam-se cansando em proceder perversamente. A tua habitação está no meio do engano; pelo engano recusam conhecer-me, diz o Senhor. Portanto assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que eu os fundirei e os provarei; pois, de que outra maneira procederia com a filha do meu povo? Uma flecha mortífera é a língua deles; fala engano; com a sua boca fala cada um de paz com o seu próximo, mas no seu coração arma-lhe ciladas. (JEREMIAS 9,1-8)

Jeremias tem consciência das razões que levaram Jerusalém a essa ruína; ao contrário do que falou Jó, que não admitia os erros, pois não os tinha, ele admite os erros da cidade:

A sua imundícia está nas suas saias; nunca se lembrou do seu fim; por isso foi pasmosamente abatida, não tem consolador; vê, Senhor, a minha aflição, porque o inimigo se tem engrandecido. Estendeu o adversário a sua mão a todas as coisas mais preciosas dela; pois ela viu entrar no seu santuário os gentios, acerca dos quais mandaste que não entrassem na tua congregação. Todo o seu povo anda suspirando, buscando o pão; deram as suas coisas mais preciosas a troco de mantimento para restaurarem a alma; vê, Senhor, e contempla, que sou desprezível. Não vos comove isto a todos vós que passais pelo caminho? Atendei, e vede, se há dor como a minha dor, que veio sobre mim, com que o Senhor me afligiu, no dia do furor da sua ira. Desde o alto enviou fogo a meus ossos, o qual se assenhoreou deles; estendeu uma rede aos meus pés, fez-me voltar para trás, fez-me assolada e enferma todo o dia. (LAMENTAÇÕES 1. 9-13)

Jerusalém mereceu tudo isso, como deixa entendido Jeremias nas suas lamentações. O erro estava dentro dela, em seu interior, entranhado na alma, razão pela qual não se arrependeu. Tudo o que restava para ela era lamentar e ver a que ponto chegou em ruína por causa de suas prevaricações. Nisso ele se diferencia de Jó, que afirmava que ele sairia puro como o ouro, se estivesse diante de seu juiz:

Ainda que ele me mate, nele esperarei; contudo os meus caminhos defenderei diante dele. A coisa não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos. Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror. Então, falarei, e não o temerei; porque não sou assim em mim mesmo. É esta; por isso eu digo que ele consome ao perfeito e ao ímpio. Apesar de não haver violência nas minhas mãos, e de ser pura a minha oração. (JÓ 13.15; 9,22, 33-35; 16,17)

Jó declara sua inocência com muita certeza; ao contrário de Jerusalém, ele tem a certeza que suas intenções e a vida são puras, não tem que lamentar as perdas como uma tragédia anunciada por causa dos erros frequentes. As perdas que lamenta são ainda mais fortes em suas razões, pois é inocente, seu sofrimento foi, aparentemente, sem razão alguma.

Enquanto isso, Jeremias vai narrando as razões do seu infortúnio, ataviando-as com a decadência de Jerusalém:

O jugo das minhas transgressões está atado pela sua mão; elas estão entretecidas, subiram sobre o meu pescoço, e ele abateu a minha força; entregou-me o Senhor nas mãos daqueles a quem não posso resistir. O Senhor atropelou todos os meus poderosos no meio de mim; convocou contra mim uma assembleia, para esmagar os meus jovens; o Senhor pisou como num lagar a virgem filha de Judá. Por estas coisas eu ando chorando; os meus olhos, os meus olhos se desfazem em águas; porque se afastou de mim o consolador que devia restaurar a minha alma; os meus filhos estão assolados, porque prevaleceu o inimigo. Estende Sião as suas mãos, não há quem a console; mandou o Senhor acerca de Jacó que lhe fossem inimigos os que estão em redor dele; Jerusalém é entre eles como uma mulher

imunda. Justo é o Senhor, pois me rebelei contra o seu mandamento; ouvi, pois, todos os povos, e vede a minha dor; as minhas virgens e os meus jovens foram levados para o cativeiro. Chamei os meus amantes, mas eles me enganaram; os meus sacerdotes e os meus anciãos expiraram na cidade; enquanto buscavam para si mantimento, para restaurarem a sua alma. Olha, Senhor, porque estou angustiada; turbadas estão as minhas entranhas; o meu coração está transtornado dentro de mim, porque gravemente me rebelei; fora me desfilhou a espada, em casa está a morte. Ouviram que eu suspiro, mas não tenho quem me console; todos os meus inimigos que souberam do meu mal folgaram, porque tu o fizeste; mas, em trazendo tu o dia que apregoaste, serão como eu. Venha toda a sua maldade diante de ti, e faze-lhes como me fizeste a mim por causa de todas as minhas transgressões; porque os meus suspiros são muitos, e o meu coração está desfalecido. (LAMENTAÇÕES 1, 14-22)

A lamentação de Jeremias é direcionada a Jerusalém, personificada como uma mulher, procedimento usual na literatura semítica, por causa do abandono a que a cidade está submetida, cujos jovens estão mortos, e a fome grassa em todo lugar. O sentimento da perda da proteção de Deus é tanto que, a cidade, assimilada como uma mulher, sente como se os seus inimigos estivessem pondo os pés em seu pescoço. Seus amantes (os povos com os quais tinha aliança, acompanhados de seus deuses) agora a odiavam e ficavam contentes com o caos que se instalara. O sentimento que ressoa do discurso de Jeremias é de desprezo, com a consciência de que a cidade merecia tudo isso. Sem marido, sem um escudo que a protegesse, Jerusalém tornou-se uma mulher abandonada.

A vida que Jeremias conhecia havia se acabado, ele descreve a sua situação e a de Jerusalém em total miséria, enquanto Jó descreve sua calamidade tendo ele próprio como referencial da sociedade. Jerusalém era o referencial de Jeremias; Jó, o daquele povo. No *Livro de Jó*, é ele mesmo quem sofre as perdas; nas *Lamentações*, de Jeremias, é o coletivo. Em um, o de dentro influencia o de fora; no outro, o de fora influencia o que está dentro de seu coração. Jó foi odiado depois que perdeu tudo; Jeremias foi odiado enquanto estava perdendo, e até antes disso. Um lamenta o todo; o outro, o individual. Mas as perdas e o sofrimento afetaram ambos de forma ampla e distinta: Jeremias nunca mais teve de volta o que perdeu, enquanto Jó recuperou o dobro do que tinha.

Em *Lamentações* são descritas as perdas sofridas por príncipes, profetas e sacerdotes, entre eles. Jó, também um príncipe acostumado aos luxos inerentes à sua situação social, lamenta. Quem antes desdenhava por estar perto de alguém inferior, agora agia pior do que ele. Jeremias via as pessoas descendo ao mais baixo nível social, espiritual e moral para sobreviver, enquanto Jó via as pessoas descendo o nível do respeito que tinham em relação a ele, que perdeu o nível social, mas não o moral. Em *Lamentações* Jeremias vê suas perdas e as

dos outros, em Jó, as perdas foram suas. Narrativamente, a vida intensa vivida por Jó, descrita no capítulo trinta, cumpre o papel de passar a ideia de quão intensa foram suas perdas, enquanto Jeremias descreve, com detalhes, mais as perdas dos outros. Claro está que houve perdas individuais em *Lamentações*, mas o profeta se debruça sobre as perdas que envolveram toda a nação, tendo como referência Jerusalém, capital de Judá, reino do Sul. Essa diferença é crucial para entender a natureza das lamentações dos dois livros.

O tempo decorrido entre uma tragédia e a outra é de, pelo menos, de mil e quinhentos anos, mas o homem sofre os mesmos deslizes, os mesmos anseios e as vicissitudes continuam mexendo no seu íntimo em qualquer tempo. As perdas e misérias o afetam do mesmo modo, em todas as épocas e lugares. Os sentimentos e sofrimentos são universais, mas, a maneira como o indivíduo os sente são particulares, dessa forma que o particular e o universal se contrastam em Jó e em *Lamentações*. Como referido acima, um lamenta mais pelos outros, o outro, por ele mesmo. Um lamenta sozinho o que é coletivo, o outro, lamenta diante dos amigos o que é particular. Glórias perdidas recebidas de maneiras diferentes. Um esperava isso, o outro, com a cidade personificada, jamais pensou tal coisa acontecendo:

Como cobriu o Senhor de nuvens na sua ira a filha de Sião! Derrubou do céu à terra a glória de Israel, e não se lembrou do escabelo de seus pés, no dia da sua ira. Devorou o Senhor todas as moradas de Jacó, e não se apiedou; derrubou no seu furor as fortalezas da filha de Judá, e abateu-as até à terra; profanou o reino e os seus príncipes. No furor da sua ira, cortou toda a força de Israel; retirou para trás a sua destra de diante do inimigo; e ardeu contra Jacó, como labareda de fogo que consome em redor. Armou o seu arco como inimigo, firmou a sua destra como adversário, e matou tudo o que era formoso à vista; derramou a sua indignação como fogo na tenda da filha de Sião. Tornou-se o Senhor como inimigo; devorou a Israel, devorou a todos os seus palácios, destruiu as suas fortalezas; e multiplicou na filha de Judá a lamentação e a tristeza. E arrancou o seu tabernáculo com violência, como se fosse o de uma horta; destruiu o lugar da sua congregação; o Senhor, em Sião, pôs em esquecimento a festa solene e o sábado, e na indignação da sua ira rejeitou com desprezo o rei e o sacerdote. (LAMENTAÇÕES 2. 1-6)

Há um interessante paralelo com Jó, que viu, em si mesmo, outra tragédia:

Agora, porém, se riem de mim os de menos idade do que eu, cujos pais eu teria desdenhado de pôr com os cães do meu rebanho. De que também me serviria a força das mãos daqueles, cujo vigor se tinha esgotado? De míngua e fome se debilitaram; e recolhiam-se para os lugares secos, tenebrosos, assolados e desertos. Apanhavam malvas junto aos arbustos, e o seu mantimento eram as raízes dos zimbros. Do meio dos homens eram expulsos, e gritavam contra eles, como contra o ladrão; Para habitarem nos barrancos dos vales, e nas cavernas da terra e das rochas. Bramavam entre os arbustos, e ajuntavam-se debaixo das urtigas. (JÓ 30.1-7)

Ele descreve como eram seus servos e seus admiradores, para que se entenda o que se abateu sobre ele, lamentando o que foi perdido, sem culpa, sem ter errado de forma alguma:

Agora, porém, sou a sua canção, e lhes sirvo de provérbio. Abominam-me, e fogem para longe de mim, e no meu rosto não se privam de cuspir. Porque Deus desatou a sua corda, e me oprimiu, por isso sacudiram de si o freio perante o meu rosto. À direita se levantam os moços; empurram os meus pés, e preparam contra mim os seus caminhos de destruição. Desbaratam-me o caminho; promovem a minha miséria; contra eles não há ajudador. Vêm contra mim como por uma grande brecha, e revolvem-se entre a assolação. Sobrevieram-me pavores; como vento perseguem a minha honra, e como nuvem passou a minha felicidade. E agora derrama-se em mim a minha alma; os dias da aflição se apoderaram de mim. De noite se me traspassam os meus ossos, e os meus nervos não descansam. (JÓ 30:9-17)

Enquanto *Lamentações* narra a causa do grande lamento de Jeremias:

Rejeitou o Senhor o seu altar, detestou o seu santuário; entregou na mão do inimigo os muros dos seus palácios; deram gritos na casa do Senhor, como em dia de festa solene. Intentou o Senhor destruir o muro da filha de Sião; estendeu o cordel sobre ele, não retirou a sua mão destruidora; fez gemer o antemuro e o muro; estão eles juntamente enfraquecidos. As suas portas caíram por terra; ele destruiu e quebrou os seus ferrolhos; o seu rei e os seus príncipes estão entre os gentios, onde não há lei, nem os seus profetas acham visão alguma do Senhor. Estão sentados na terra, silenciosos os anciãos da filha de Sião; lançam pó sobre as suas cabeças, cingiram sacos; as virgens de Jerusalém abaixam as suas cabeças até a terra. Já se consumiram os meus olhos com lágrimas, turbadas estão as minhas entranhas, o meu fígado se derramou pela terra por causa do quebrantamento da filha do meu povo; pois desfalecem o menino e a criança de peito pelas ruas da cidade. Ao desfalecerem, como feridos, pelas ruas da cidade, ao exalarem as suas almas no regaço de suas mães, perguntam a elas: Onde está o trigo e o vinho? (LAMENTAÇÕES 2. 7-12)

Em *Lamentações* há um observador, vendo tudo; em Jó, há um sendo observado por todos; a não aceitação da situação de um inocente e a conformação de alguém que lamenta não só o acontecimento, mas porque aconteceu, mas que poderia ser evitado, parece ser a ideia que subjaz nesse relato. Em vez de invocar a inocência da cidade diante do juiz, Jeremias aceita, de “bom grado”, o castigo e a decadência, no sentido de que aquele infortúnio foi consequência das injustiças da cidade prostituída: “mas tu tens a testa de uma prostituta e não queres ter vergonha” (JEREMIAS 3.3.) Ele lamenta que a cidade não tenha tido sucesso em se manter “pura”, que deveria ter sido e não foi; Jó lamenta, principalmente, o que foi e não deveria ter sido.

O passado, constantemente, vem à tona nas duas obras. O futuro não se delineia promissor em nenhum dos dois, embora haja uma alusão à esperança tanto em *Lamentações* quanto em o *Livro de Jó*. No primeiro, aquela clássica esperança, repetida por séculos, por quem lê o livro de Lamentações: “põe tua boca no pó, talvez assim haja esperança” (JEREMIAS, 3,29). Jó expressa uma palavra ainda mais esperançosa: “E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus” (JÓ 19.26). Mas a esperança de Jeremias é para bem longe! Jó ainda aguarda que o juiz lhe pese em “balanças fiéis” (JÓ, 31.6), falando como se isso pudesse ser feito a qualquer momento. O desejo de alguém que não sente medo em expor-se diante de todos, se desnudar, sabendo que vai sair ileso da sua provação.

Duas lamentações, a de Jó e a de Jeremias, demonstrando que as vicissitudes do homem podem ser atemporais e sem restrições geográficas. Uma ocorreu no território que seria o de um povo chamado Edom, descendente de Esaú, irmão de Jacó; a outra, no território que veio a ser o de Israel, em pleno cerco babilônico. Ambas expressam lamentos de quem já está farto de sofrer, de perdas e misérias na sociedade e nele mesmo, tendo atingido um nível extremo. Um, porque não havia feito tanto mal assim, o outro, porque a cidade não chegava a um nível de moralidade desejável e só via violência, opressão e maldade de todos os lados. Jó confessou que ajudava muitos, mas só ganhava desprezo. Jeremias fala que não havia quem ajudasse seu povo e ele mesmo, os passantes pelo caminho apenas assobiavam, tiniam ambas as orelhas, expressão muito comum na Bíblia quando quer falar de grande espanto por uma hecatombe. O espanto da cidade soberba, cantada por todos, a cidade de Davi, agora nas cinzas. Onde estavam os ajudadores para retribuir a Jó o que ele havia feito de bom? Onde estavam os ajudadores da cidade de Jerusalém, que não haviam feito nada a favor dela, talvez por ela ter agido tão mal?

#### **4 Considerações Finais**

Através do “passeio literário” nos livros bíblicos aqui abordados, onde a dialética foi o método utilizado para analisar as assimetrias e semelhanças nas lamentações de Jeremias e Jó, pode-se dizer que eles são importantes para o entendimento da natureza teológica e estética dos seus livros. Ao considerar que ambos são poéticos, em cujas linguagens é abordado o sofrimento humano de variadas formas, tendo diferentes causas e sendo vistos sob divergências circunstanciais, eles apontam para a forma como cada um dos profetas vivenciou seus infortúnios. Pode-se afirmar que as lamentações se configuram como uma expressão da

alma para purgar as perdas e tragédias, um sentimento de aceitação ou negação das perdas sofridas, lamentando a inocência ultrajada, como a de Jó, ou da culpa mostrada por Jeremias, em *Lamentações*.

O presente trabalho ofereceu uma oportunidade para entender o caráter do sofrimento e das lamentações dos *Livro de Jó e Lamentações*, demonstrando de que forma as tragédias atingiram Jeremias e o povo de Judá, e Jó. As lamentações dos profetas mostraram mais do que se pode ver à primeira vista: elas desvendaram a moral e as atitudes daqueles sobre os quais se abateram a tristeza e a desesperança, deixando entrever que os segredos do coração dos homens são mais bem entendidos e revelados em meio aos sofrimentos, nunca de forma plena e satisfatória quando eles estão meio à bonança e à felicidade.

## 5 Referências

ALMEIDA. *Bíblia Corrigida Fiel*. Disponível em: . Acesso em: 10 jun 2018.

BÍBLIA, A.T. Jó; Lamentações de Jeremias. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida, 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CAMPOS, Haroldo de. Da Memória e da Desmemoria. In: OTTONI, José Elói. *O Livro de Jó*. São Paulo, Edições Loyola, 1993.

CAMPOS, Haroldo de. Jó, A Dialética de Deus. In: *Filosofia Política 7*. Benedito Nunes et. all. São Paulo: L & PM, 1993.

LEONEL, João. Literatura e Teologia: Gênero Literário e Texto Bíblico. In: *Teologia e Literatura 4: Profetas e Poetas – Entre os Céus e a Terra*. FERRAZ, Salma; MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; LEONEL, João. LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Orgs.). São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

STADELMANN, Luís I. J. *O Itinerário Espiritual de Jó*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.